

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

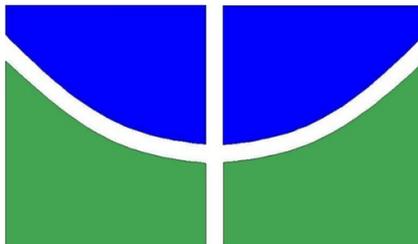
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ANA PAULA QUEIROZ DE VASCONCELOS

Brasília

2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA PAULA QUEIROZ DE VASCONCELOS

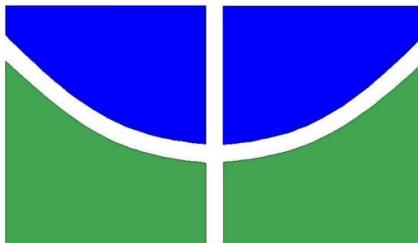
A CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília

2015



Monografia de autoria de Ana Paula Queiroz de Vasconcelos, intitulada: “A Construção da leitura e da escrita na Educação Infantil”, apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de Brasília.

Profa. Dra. Sonia Marise Salles Carvalho (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB

Prof. M^a Andréia Pereira de Araújo Martinez

Prof. M^a Nirce Barbosa Ferreira

Brasília, 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, pelo fôlego de vida, por ser meu sustento e me dar coragem e ânimo nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por se fazer presente em todos os momentos de minha vida.

Agradeço à minha mãe Maria Eunice, por ser minha maior incentivadora, pelo amor incondicional e por ser meu referencial, meu exemplo de vida, por me ensinar princípios e valores que serão perpetuados por toda a minha vida.

Ao meu marido, Edwin Szlachta, pelo apoio incondicional e por compreender minha ausência durante a elaboração deste trabalho e por me auxiliar com a casa.

A todos os professores e professoras que fizeram parte da minha trajetória escolar e acadêmica.

A professora Dr. Sônia Marise Salles Carvalho, que aceitou cordialmente o meu pedido, pelo apoio durante o curso e por oportunizar e compartilhar seu vasto campo de conhecimento.

A professora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, por sua dedicação ao me orientar no projeto 4, por me incentivar e acreditar em mim, e que por motivos de saúde, não pôde me orientar nessa fase final da graduação.

Agradeço aos amigos que fiz ao longo minha caminhada acadêmica a quem levarei pra sempre em meu pensamento, Verônica Moreno, Juliana Gomes, Maria de Fatima, Lethicia Tayenne, Sergio Moreira, Nayara Gomes, Larissa Maciel, Bruna e Renata Cortez. Amigos, vocês tornaram os momentos difíceis da graduação em lembranças divertidas!

As professoras com quem tive a oportunidade de trabalhar, por suas contribuições diárias e por me ensinarem a prática pedagógica da troca, do respeito e do afeto. Em especial Aline Maria Martins, Maria Auxiliadora (a tia Dôra) e Any Cristina Ferreira.

Às escolas onde trabalhei e que me deram a oportunidade de aprender.

Aos meus alunos, que serão lembrados por mim com grande carinho.

“Por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa.”

(Emilia Ferreiro)

RESUMO

Este trabalho tem como temática a alfabetização e letramento na Educação Infantil. A pesquisa apoiou-se em observações participantes, onde o pesquisador se encontra inserido no contexto estudado. A observação foi feita em uma turma de Jardim II com sujeitos de 5 e 6 anos de uma escola particular de Brasília. Procurou-se compreender como acontece a ação pedagógica exercida pela professora, e as estratégias utilizadas para alfabetizar e letrar antes do ensino fundamental. O critério para a escolha, foi o acesso para que a pesquisa fosse realizada. Foi perceptível através das crianças que atividades de interação com a língua, a contação de histórias, a brincadeira e o uso da música, trouxeram resultados positivos, pois através da mediação da professora, a criança é capaz de evoluir em suas hipóteses de escrita. A alfabetização é um processo longo e contínuo, e o seu início pode acontecer na educação infantil sendo prazerosa e significativa para a criança.

Palavras-chave: Prática pedagógica, Educação Infantil, e Alfabetização e letramento.

ABSTRACT

This work has the theme literacy and literacy in kindergarten. The research relied on participant observation, where the researcher is inserted in the context studied. The observation was made in a class of Garden II with subjects of 5 and 6 years of a private school in Brasilia. He tried to understand as it is the pedagogical action exerted by the teacher as well as the strategies used to literate and letrar before elementary school. The criterion for the choice was the access for research to be carried out. It was noticeable through the children interaction activities with the language, story-stories, a play and the use of music brought positive results because through teacher mediation children are able to evolve their chances of writing. Literacy is a long and continuous process, and its beginnings can happen in early childhood education being pleasurable and meaningful to the child.

Keywords: pedagogical practice, Early Childhood Education, and Literacy and literacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PARTE I.....	12
MEMORIAL EDUCATIVO.....	12
PARTE II - MONOGRAFIA.....	18
CAPÍTULO 1	18
1.1 Alfabetização e letramento	18
1.1.1 Leitura e escrita antes da escola e o papel da família.....	20
1.1.2 As contribuições de Emília Ferreiro e a Evolução das hipóteses de escrita.....	21
1.2 A prática pedagógica da alfabetização na educação infantil	23
1.2.1 O professor como mediador	23
1.2.2 O professor como escriba das crianças	24
1.2.3 O professor como leitor e a importância da leitura infantil.....	26
1.2.4 O lúdico	27
1.2.5 A música.....	28
1.3 Alfabetizar na educação infantil: uma ação possível	30
CAPÍTULO 2	33
2.1 Relato de experiência – teoria e prática	33
2.1.1 Observação 01	35
2.1.2 Observação 02	39
2.1.3 Observação 03	42

2.1.4 Observação 04	44
2.1.5 Observação 05	47
2.2 Projetos: Cantigas de roda e Leitores para sempre	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
PARTE III.....	53
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

INTRODUÇÃO

Desde que comecei a atuar na Educação Infantil, alfabetização sempre foi algo que me interessou muito. Em sala de aula, pude perceber o grande interesse das crianças pela escrita e também pela leitura e como ocorrem as práticas pedagógicas através da mediação do professor.

As crianças já nascem em um mundo letrado cheio de estímulos visuais e por esse motivo, buscam a todo instante compreender esses escritos que o cercam e é na educação infantil que esses anseios podem ser contemplados, pois é nesse momento que a criança começa a descobrir a linguagem oral e escrita e vai compreendendo o seu uso no dia a dia, muito antes de estar em salas de alfabetização.

A música, o lúdico, o acesso a livros e a diversos portadores de texto tornam esse momento prazeroso e significativo e com variadas situações onde a linguagem pode ser explorada.

Organizei este trabalho em três partes. Na primeira etapa está o meu memorial educativo, onde narro a minha trajetória escolar e acadêmica bem como as disciplinas que me influenciaram na escolha do tema.

Na segunda parte dou início ao meu referencial teórico onde busquei adequar a minha vivência na educação infantil à colaboração de autores relevantes para o tema como Magda Soares e Emilia Ferreiro.

A terceira parte é composta por minhas perspectivas profissionais. Faço uma reflexão sobre as contribuições da graduação para a educadora que desejo ser.

O objetivo geral desse trabalho é compreender em uma turma de Jardim II de uma escola de Brasília, como ocorrem as práticas de alfabetização e letramento e a aquisição da escrita na educação infantil.

Tendo como objetivos específicos observar o papel do professor como mediador, identificar como a música e o uso das brincadeiras contribuem

para o processos e alfabetização, e investigar se a escola possui projetos que estimulem a leitura.

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

Meu nome é Ana Paula Queiroz, nasci no dia 14 de fevereiro de 1992, no Estado do Rio de Janeiro. Meu pai tem origem portuguesa e minha mãe nasceu no nordeste, mais precisamente no estado do Ceará. No Rio de Janeiro meu pai era dono de um pequeno restaurante, minha mãe era dona de casa. Em fevereiro 1994, minha irmã Isabela nasceu e nesse mesmo período, os negócios do meu pai não iam bem, então, através do convite da minha avó materna meus pais foram convidados a morar em Goiânia, e com isso, meu pai ajudaria minha avó em seu restaurante. Mudamos-nos para Goiânia.

Meu pai então virou sócio da minha avó. Em 1996 comecei a estudar quando tinha quatro anos de idade numa turma de Jardim I, em uma escola chamada Pássaro Tropical em Goiânia. Amava aquele lugar, não gostava de ir embora. Era uma escola muito grande e no meu primeiro dia de aula, estava muito feliz. Minha mãe conta que não tive resistência nenhuma em entrar na sala (algo normal para uma criança), tamanha era a minha felicidade. Lembro-me que a minha sala ficava ao final de uma grande escadaria e adorava subir e descer, brincar com meus amigos, correr e pular. Sentia-me livre naquele lugar. Minha professora era a tia Adriana, muito carinhosa e atenciosa. Foi ela que me ensinou os primeiros números e as vogais. Nesse meio tempo, minha avó, devido ao cansaço da idade, deixa a sociedade com meu pai e ele se torna o dono do restaurante. Em 1997 passei para a turma de Jardim II e desse período tenho pouquíssimas recordações. Esse foi o mesmo ano da separação dos meus pais. Foi um tempo muito conturbado.

Lembro-me de minha mãe dizendo que eu não iria mais para a escola, o lugar que eu gostava tanto de estar, e que iríamos nos mudar para Brasília e morar na chácara do meu avô. Fiquei muito triste por que não queria

deixar a minha escola, mas não tive escolha. Mudamos-nos em março de 1997, minha mãe, eu e minha irmã. Meu pai permaneceu em Goiânia.

Moramos com meu avô durante 3 (três) meses e foi um período muito bom. Minha irmã e eu adorávamos estar com o vovô, e ele conosco. Em todos os seus afazeres durante o dia, nos levava para fazer companhia e durante a noite ele nos contava suas histórias de quando era jovem, ficávamos sempre balançando na rede.

Então minha mãe e minha tia decidiram alugar um apartamento no Núcleo Bandeirante. E lá conheci uma nova escola. Recordo-me pouco dessa escola, tenho alguns fleches de memória, mas foi lá que concluí o Jardim II e o Jardim III e tive uma formatura, que dessa eu me recordo bem.

Em 1999 eu iria para a 1ª série, e seria matriculada na Escola Classe 03 do Núcleo Bandeirante. Porém, minha mãe conta que foi muito difícil conquistar a minha vaga. Digo conquistar, porque foi uma conquista literalmente! A regional de ensino ocupava algumas salas da escola, e não estava disposta a desocupar e algumas crianças seriam remanejadas para o CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança), e este era muito distante da moradia da maioria. Então, minha mãe juntou-se a um grupo de pais que não aceitaram o remanejamento e fizeram um pequeno protesto na regional de ensino.

A diretora da regional não os recebeu. Vendo que esse protesto não surtiu efeito, minha mãe, juntamente com os demais pais, foi até a Câmara dos Deputados tentar falar com algum deputado ou assessor para garantir a vaga e a permanência de seus filhos na E. C. 03. Sem sucesso!

Então, tentaram novamente, em uma sessão extraordinária num domingo falar com qualquer deputado. Dessa vez foram ouvidos. Conversaram com um deputado e ele prometeu um horário com a então secretaria de educação da época, e esse encontro foi marcado para a segunda subsequente. Porém o encontro não chegou a acontecer, pois quando os pais retornaram a escola para tentar mais uma vez algum avanço nas negociações sobre as matrículas, foram informados pela diretora que eles tinham conseguido. A

própria diretora da escola ficou espantada, disse aos pais que ela não sabia o que eles tinham feito mas que tinham conseguido todas as vagas.

E assim, após toda essa peregrinação eu e as demais crianças finalmente começamos a estudar na 1ª série do Ensino Fundamental. Lembro-me que a minha alfabetização fora feita nos moldes tradicionais, aprendendo as famílias silábicas, depois juntando-as e formando pequenas palavras. Tive algumas dificuldades na minha alfabetização por isso hoje tenho grande interesse no tema.

No ano de 2000 meu pai mudou-se para Portugal. Então, nosso contato que já era muito pouco, ficou inexistente.

Permaneci nessa escola até o meio do ano de 2001 cursando a 3ª série, pois em julho desse ano meu avô faleceu e nos mudamos para o Gama, onde estamos até hoje.

Terminei a 3ª e a 4ª séries na Escola Classe 04 do Gama. No ano de 2003 iniciei a 5ª série no Centro de Ensino Fundamental 05 do Gama. Era uma escola grande e com muitos alunos. Quando estava na 7ª série sofri *bullying*. Na época esse conceito nem existia nas escolas, mas minha mãe percebeu que meu comportamento estava diferente, estava quieta e retraída e tinha grande resistência de ir à escola todos os dias então ela veio conversar comigo sobre o que estava acontecendo então expus toda minha tristeza com o que passava na escola. Minha mãe foi até a escola para conversar com a professora conselheira da turma (cada turma tinha um professor conselheiro escolhido entre os próprios professores em conselho de classe através de sorteio). Minha mãe conversou com a professora, que por sinal foi sua professora também, então ela informou que iria conversar com os alunos em questão. Me lembro até hoje do dia dessa conversa. A professora deu sua aula normalmente, no fim ela disse que queria ter uma conversa muito seria com alguns alunos e chamou o nome de cada um. Ela pediu que parassem com as “gracinhas” e apelidos ou então seriam suspensos. Depois desse dia cessaram os apelidos. Hoje, a luz de tudo que aprendi na graduação em Pedagogia, percebo o quanto é importante a aproximação da família com a escola bem como o olhar sensível do professor.

Concluí o ensino fundamental em 2006 e em 2007 iniciei o Ensino Médio no Centro de Ensino Médio 02 do Gama. Essa escola é muito grande o número de alunos era muito mais que o dobro de onde eu fiz o ensino fundamental isso me assustou. As relações entre professor e aluno eram bem mais distantes e as matérias ganharam um grau de dificuldade mais elevado, falava – se pouco de vestibular e sobre o PAS (Programa de Avaliação Seriada da UnB). A maioria dos professores passava os conteúdos e não tinham uma preocupação se os alunos entendiam, não havia esse esforço. Eu soube mais informações sobre o PAS através das minhas amigas e fui me informando melhor também. Ao final do ano de 2007 fiz a primeira etapa da prova do PAS.

A pontuação só deveria sair no ano seguinte. Foi nesse ano também que conheci meu futuro marido.

Em 2008 iniciei o 2º do Ensino Médio e nada era diferente a não ser por um professor de história. Esse professor era formado pela UnB e ele falava de um jeito diferente. Dizia-nos que deveríamos estudar para ter oportunidades melhores na vida por que só o conhecimento poderia mudar nossa realidade e sempre falava que estava a nossa disposição para ajudar no que fosse preciso. A atitude desse professor me chamou a atenção por que nenhum outro se dispôs a nos ajudar e ele nos explicou como era o funcionamento da UnB e falava que nós, mesmo estudando em escola publica poderíamos ter uma chance de ingressar pois ele era prova disso. O resultado do PAS saiu e eu não tinha me saído muito bem, fiquei decepcionada mas não desanimei de fazer a 2ª etapa.

O ano de 2009 foi um ano com alguns acontecimentos importantes. Seria o ano da escolha do curso para fazer a 3ª etapa do PAS. Nesse ano, através de uma iniciativa do Governo do Distrito Federal em parceria com o SENAC/DF (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) fui sorteada para fazer um curso técnico em contabilidade e não deixei a oportunidade passar. O Curso era realizado em Taguatinga e começava às 8h, para chegar na eu deveria acordar às 5h da manhã. Fazia o curso no período matutino e ia para a escola no período vespertino e em certos dias ainda fazia curso de inglês a noite. Essa rotina era terrivelmente cansativa. E no meio desse turbilhão de

coisas acontecendo sai o resultado da segunda etapa do PAS. Como a prova tinha peso 2 (dois) a minha nota foi razoável mas ainda precisava melhorar.

Na escola meu rendimento caiu um pouco mas lembro de uma professora de sociologia que da mesma forma como o professor de história falava da universidade. Ela também falava e nos estimulava a ir atrás do conhecimento e me interessei muito por sociologia.

No momento de escolha do curso, pensei em escolher Ciências Contábeis, e isso se deu pelo fato de estar fazendo um curso nessa área. Mas escolhi Pedagogia, pois sempre gostei de crianças e me dava muito bem com elas.

Fiz a prova do PAS e meu sentimento era que não passaria, pois diante de tantos concorrentes bem preparados eu não teria chance. Apesar de achar que não teria chance, fiz a prova com muito empenho e fui pra casa e procurei esquecer a prova. No final de 2009 consegui um emprego em uma papelaria, era um trabalho para as férias.

Em janeiro de 2010 ainda estava na papelaria, e me lembro até hoje desse dia. Eu não me lembrava mais da prova que havia feito no final do ano anterior e então uma amiga me ligou e me disse: Ana você passou no PAS da UnB!

Eu mal podia acreditar. Esperei que o meu expediente acabasse e fui correndo para uma *lan house*, pois não tinha computador em casa. Quando vi meu nome como candidato aprovado, chorei. Contive a emoção e fui pra casa das as boas novas para a minha família. Minha mãe se alegrou junto comigo. Ela disse que eu realizaria o que ela não conseguiu fazer, que era cursar uma faculdade.

Então chegou o dia de fazer a matrícula, e essa foi a primeira vez que estive na UnB. As aulas começaram em março, e no dia seguinte não haveria aula, pois a UnB estava em greve. Foram três meses de espera e enfim as aulas recomeçaram, e pude conhecer os meus colegas de turma e também minhas amigas.

Na UnB tudo era diferente a começar pelas disciplinas e os textos que deveríamos ler que eram muitos. Quando fiz a disciplina de processos de alfabetização decidi que a minha monografia deveria ser sobre o tema pois me

identifiquei muito com o tema alfabetização. Para dar início a minha monografia deveria fazer os projetos 3, 4 e 5 voltados para essa temática e foi onde tive muitas dificuldades, pois a professora que ofereceu a matéria de processos de alfabetização, e também ofereceria projeto 3, havia saído da UnB. Busquei então alternativas de projetos, porém não houve identificação com os temas desenvolvidos. Quando enfim encontrei o que realmente queria, esbarrei na burocracia, pois em 2012 comecei a trabalhar em uma escola, e como uma aluna do noturno, pude perceber que a maioria dos projetos ofertados pelos professores era durante o dia.

Fiquei 2 semestres sem fazer projeto algum, foi então que por meio de uma amiga conheci a professora Teresa Cristina, que me aceitou em seu projeto e também me orientou durante a noite. Fiquei sob sua orientação no projeto 4, fase 1 e 2 e deveria fazer projeto 5 sob sua orientação também. Porém por motivos de saúde, a professora Teresa Cristinha não pôde orientar a minha monografia. Fiquei muito triste por sua saúde, pois é uma pessoa maravilhosa que se preocupou comigo e me acolheu com as minhas dificuldades e gostaria que ela estivesse presente nesse momento final. Ela se afastou de suas atividades na UnB.

Então busquei outro professor que pudesse me orientar e procurei pela professora Sônia Marise que assim como a professora Teresa Cristina me acolheu prontamente. Havia feito projeto 1 e 3 e também a disciplina de Sociologia da Educação e sabia da excelente professora que ela é.

Este trabalho foi construído com as contribuições de duas grandes professoras que tive a oportunidade e o prazer de conhecer durante a minha graduação que foi a professora Teresa Cristina e a professora Sônia Marise.

E estou aqui concluindo uma etapa muito importante da minha vida.

PARTE II

1. CAPÍTULO 1

1.1. Alfabetização e letramento

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para Língua Portuguesa objetiva que o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Esse processo de apropriação da língua tem início na alfabetização.

A alfabetização é compreendida como o processo pelo qual o indivíduo aprende a ler e escrever. Essas habilidades permitem que o indivíduo se comunique com o outro e com o mundo, e assim se insira na sociedade.

Até meados dos anos 80 enfatizava-se a aprendizagem do sistema convencional da escrita alternando-se entre os métodos sintéticos de alfabetização: que partia de unidades menores da língua – os fonemas, as sílabas – em direção a unidades maiores – a palavra, a frase, o texto (chamados de método fônico, método silábico); e o método analítico da alfabetização – que partia de unidades maiores – a palavra, a frase, o texto – em direção a unidades menores (chamados de métodos analítico, método global). Esses métodos possuíam o mesmo objetivo: a criança deveria aprender o sistema de escrita, ou em outras palavras, acreditava-se que para uma criança ser considerada alfabetizada ela deveria ser capaz, de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons e, na escrita, a capacidade de decodificar os sons da língua transformando-os em sinais gráficos (BATISTA, 2006) e contava-se também com apoio de material pedagógico que priorizava a memorização de sílabas, palavras e frases soltas, algo mecânico e sem significado.

As contribuições de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1984) trouxeram outro olhar para a alfabetização com significativas mudanças, pois a criança constrói o conceito de língua escrita como um sistema de

representação dos sons da fala por sinais gráficos, ou seja, o processo através do qual a criança torna-se alfabética (SOARES 2004). Os métodos sintéticos e analíticos passaram a ser criticados, perderam espaço e foram tidos como tradicionais e inadequados.

Contudo, o conceito de alfabetização foi sendo ampliado conforme as necessidades da própria sociedade, pois além de saber ler, o indivíduo deve ser capaz de interpretar, compreender e criticar o mundo a sua volta. Surge um novo conceito que contribuiria para a alfabetização: o letramento.

Soares (2004) aponta que letramento deve ser entendido como o desenvolvimento de comportamento e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais. Ou seja, além da aquisição do sistema convencional da escrita a criança deve ser capaz também de compreender o uso da língua escrita em seus usos sociais.

Esses conceitos são distintos entre si, porém indissociáveis como afirma Soares (2004, p: 97)

[...] a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividade de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

Soares (1998, p: 47) ratifica ainda que:

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Para formar leitores e escritores capazes de ir além da codificação e decodificação do sistema de representação da escrita, é necessário que estes tenham acesso a vários gêneros textuais para que possam compreender os diversos usos da linguagem escrita. Proporcionar esse acesso, juntamente com

situações em que o indivíduo possa ler e produzir diferentes textos o torna autônomo em seu processo de aprendizagem. Ele não só se apropria do sistema de escrita como também tem condições de fazer uso das funções sociais da escrita.

1.1.1. Leitura e escrita antes da escola e o papel da família

Ferreiro E Teberosky (1999,p:29) afirmam que “O sujeito é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca”.

Hoje, com os avanços tecnológicos, as informações são transmitidas com grande rapidez e as crianças não estão alheias a esse processo. A todo o momento é possível ver crianças cercadas de um aparato tecnológico como tablets, celulares, smartphones, computadores e vídeo games, e esses instrumentos exercem fascínio sobre elas, logo despertam sua curiosidade devido aos vários tipos de linguagens que possuem, como sons, cores e a própria escrita.

Ferreiro (1985) afirma que: “as atividades de interpretação e de produção da escrita começam antes da escolarização, como parte da atividade própria da idade pré-escolar”, as crianças percebem a escrita antes mesmo de chegarem a escola. Observam que ao seu redor existe uma infinidade de palavras contidas nas embalagens dos alimentos e remédios, em jornais, outdoors, revistas, livros e pensam sobre o que isso possa representar, embora não saibam exatamente o que se quer transmitir, e buscam uma maneira de encontrar sentido, isto é, interpretar o mundo.

Para despertar o interesse da criança pela leitura e escrita a família tem grande importância nesse processo, fazendo o papel de mediador lendo histórias infantis, oferecendo livros para serem folheados e também chamando a atenção da criança para participar de situações do cotidiano, onde se use a leitura e a escrita. O uso de uma receita ao se fazer um bolo, a lista de compras ao ir ao supermercado, um convite recebido, são exemplos de chamar a criança para interagir com o mundo da escrita. Proporcionar a criança momentos em que ela possa desenhar e “brincar” de escrever seu próprio nome, o nome de pessoas da família, escrever um bilhete para alguém são

maneiras informais de fazer um contato inicial com a leitura e também com a escrita. Ferreiro (1985) conceitua como produções espontâneas.

Quando proporcionado à criança experiências onde ela possa ter a possibilidade de tentar ler e escrever, provavelmente ela começará a fazer reflexões sobre as letras, sobre as palavras, sobre o que está escrito sobre o que significam. Oferecer diversos tipos de texto às crianças faz com que elas conheçam o sistema alfabético.

1.1.2. As contribuições de Emilia Ferreiro e a Evolução das hipóteses de escrita

As obras de Emilia Ferreiro tiveram grande impacto no Brasil no que se refere à alfabetização, por romper com a visão tradicional pautada na simples codificação e decodificação do sistema de representação da escrita e trouxe um novo olhar onde o indivíduo é autônomo na construção do conhecimento. Sua primeira obra publicada no país foi “Psicogênese da língua escrita” juntamente com Ana Teberosky em 1986. Os estudos de Emilia Ferreiro têm grande influência no construtivismo do psicólogo Jean Piaget.

A psicogênese parte da concepção de que a aquisição do conhecimento se baseia na atividade do sujeito em interação com o objeto de conhecimento. A construção desse processo acontece como uma evolução onde a criança formula hipóteses sobre o código da escrita até que se aproprie dela. Ferreiro (1985) distingue esse processo em três grandes períodos a seguir:

- Distinção entre o modo de representação icônico e não icônico.
- Construção de formas de diferenciação (controle progressivo das variações sobre o eixo qualitativo e quantitativo).
- A fonetização da escrita (que se inicia com o período silábico e termina com o período alfabético).

Ferreiro (1979) afirma:

A distinção entre “desenhar” e “escrever” é de fundamental importância. Ao desenhar se está no domínio do icônico; as

formas dos grafismos importam porque reproduzem as formas dos objetos. Ao se escrever se está fora do icônico: as formas dos grafismos não reproduzem a forma dos objetos. (p.19).

Ao se abrir um livro, a criança já é capaz de distinguir os desenhos da representação gráfica. Começa a compreender que há uma diferença entre desenho e escrita, icônico e não icônico.

As primeiras tentativas de escritas infantis, aparecem do ponto de vista gráfico, como linhas onduladas ou quebradas (zigzague), contínuas ou fragmentadas, “neste nível, escrever é reproduzir traços típicos da escrita que a criança identifica como forma básica da mesma” (FERREIRO, 1979, p. 193). A compreensão da diferença entre o desenho e as marcas gráficas, porém ainda não diferencia letras e números, por isso pode haver o uso das duas representações gráficas nas primeiras tentativas de escrita.

Quando a criança consegue distinguir o icônico e o não icônico, ela parte para um novo nível, que é chamado por FERREIRO (1979) de “quantidade mínima de caracteres” não basta que haja letras, é necessário um número mínimo de letras, em torno de três para que se possa ler; e o seguinte critério refere-se à “variedade interna de caracteres” ou seja, para que se possa ler é necessário que essas grafias variem, que não se repitam sempre as mesmas letras em uma palavra. Não se pode ler coisas iguais. Quantidade e variedade de grafias são hipóteses construídas pelas crianças para o ato da leitura. Nesse momento da alfabetização a criança está no nível pré – silábico onde ela ainda não consegue relacionar as letras com o som da língua falada. O progresso gráfico mais evidente é que a forma dos grafismos é mais definida, mais próxima das letras (FERREIRO, 1979, p. 202).

Quando a criança supera o nível pré – silábico, parte para uma nova construção cognitiva, o nível silábico que é o período onde começa atribuir um valor sonoro para cada letra. Ferreiro (1979) afirma:

Este nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem a escrita. Nesta tentativa, a criança passa por um período da maior

importância evolutiva: cada letra vale por uma sílaba (p. 209)

A fase silábica pode ser subdividida em silábico-alfabético que é quando a criança mistura a lógica do período anterior com a identificação de algumas sílabas. Há crianças não passam por esse processo, partem para o nível alfabético logo de imediato. O período silábico – alfabético marca a transição entre os esquemas prévios em via de serem abandonados, e os esquemas futuros em via de serem construídos (Ferreiro 1985).

O nível alfabético é caracterizado pelo domínio do sistema de escrita, a criança compreende que cada letra possui um valor sonoro. Nesse momento a criança consegue realizar a leitura e a escrita. Ferreiro (1979) define o nível alfabético:

A escrita alfabética constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível. A criança já franqueou a “barreira do código”; compreendeu que cada um dos caracteres dá escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever (p. 219).

Emilia Ferreiro fundamentou seus estudos na concepção construtivista de Piaget, onde o sujeito passa a ser visto como capaz de construir o conhecimento na interação com o meio físico e social. Há um equívoco no meio educacional, onde a psicogênese é erroneamente denominada como método construtivista de alfabetização. A psicogênese é o estudo do processo de alfabetização, ao qual a criança reflete sobre a escrita, formula hipóteses e resignifica a escrita. Assim como a psicogênese, segundo Becker (1994) “o construtivismo não é uma prática nem um método, e sim uma teoria que permite conceber o conhecimento como algo que não é dado e sim construído e constituído pelo sujeito através de sua ação e da interação com o meio”.

1.2. A prática pedagógica da alfabetização na educação infantil

1.2.1. O professor como mediador

As crianças, desde o nascimento, estão em constante desenvolvimento e a todo tempo interagindo com o mundo a sua volta o que torna a aprendizagem algo inerente à criança. Aprender a ler e a escrever são habilidades complexas mas que a criança, movida pela curiosidade, mesmo antes de ir à escola começa a demonstrar interesse pela escrita. Assim Ferreiro (1985) afirma que “a criança se vê continuamente envolvida, como agente e observador no mundo letrado” (p.59).

No momento que a criança se insere-se no contexto escolar ela traz consigo inúmeras experiências e conhecimentos de sua própria vivência, as quais precisam ser consideradas pelo professor para que este possa agir como mediador e fazer intervenções necessárias. Todos os momentos de interação professor –aluno devem ser oportunos para a aprendizagem significativa da leitura e da escrita.

Segundo Freire (1979), a ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para uma sociedade pensante. Para que isso seja possível o professor precisa compreender que o seu papel vai muito além de um mero transmissor de conteúdos. É possibilitar ao seu aluno a interação com o objeto do conhecimento, assim a criança aprende se puder experimentar brincar, significar e resignificar.

Planejar as aulas a fim de atender às necessidades educacionais dos alunos, promovendo atividades significativas, nas quais seja possível gerar conflitos cognitivos, são estratégias onde o professor leva seus alunos a apropriação de novas aprendizagens tornando-os capazes de expressarem-se livremente, expondo assim suas novas formas de pensar. A ação de ler e escrever acontece quando a criança é motivada e sente desejo em fazê-lo.

1.2.2. O professor como escriba das crianças

A Proposta Curricular elaborada pelo município de Camaragibe, no estado de Pernambuco (2009), traz:

Assim como acontece com o ensino da leitura, é possível ajudar os estudantes a desenvolver algumas habilidades de elaboração de textos, mesmo antes que eles dominem o sistema de escrita, por meio de produção coletiva e de

situações em que eles ditam textos a serem grafados por outra pessoa. Ter a preocupação de promover tais habilidades é fundamental para que alunos, no momento que se tornam “alfabéticos”, já tenham percorrido um caminho que favoreça a consolidação da autonomia do ato de escrever (CAMARAGIBE, 2009, p.328).

O ditado era, há alguns anos, um instrumento exclusivo do professor. Utilizado como forma de avaliar os conhecimentos dos alunos acerca da língua. Por meio desse instrumento era possível saber quem dominava o sistema de escrita e também a ortografia. Hoje, em algumas situações, o ditado é também utilizado pelo aluno como forma de expressar suas ideias ao professor, onde este age como escriba, ou seja, a criança produz textos oralmente enquanto o professor escreve fazendo o registro das produções dos alunos.

Para isso, não é necessário que a criança saiba grafar corretamente para que ela possa escrever um texto. Quando o professor assume o papel de escriba, dá condições às crianças de se tornarem produtores de textos orais e se perceberem capazes de escrever antes de serem alfabetizados. Criar situações em que a escrita esteja presente no cotidiano da sala de aula, traz para a criança formas significativas de compressão da escrita, pois ela organiza suas ideias e reorganiza com a intervenção do professor, percebendo a forma da escrita. Vale ressaltar que ao se trabalhar com textos orais transcritos pelo professor diante dos alunos, a criança deve perceber a finalidade da escrita, ou seja, por que se escreve e para quem se escreve, possibilitando a interação com tipos de textos variados onde a criança passa a reconhecer os diversos usos da linguagem escrita ao observar essas formas, vai gradativamente ampliando suas hipóteses de leitura e escrita.

Produções de escrita coletivas são atividades em que a interação é condição básica e acontece em duas dimensões: a interação entre o grupo que está produzindo o texto (alunos e professora) e a interação que o grupo estabelece com o destinatário do texto (GIRAO; LIMA; BRANDÃO, 2007).

Com essa proposta, o professor estabelece um momento de troca e colaboração de ideias, onde cada criança expõe seu pensamento, o conhecimento que traz consigo, seleciona e verifica as informações que devem conter no texto. Momentos como esse são importantes pois a criança ao observar o ato de escrever do professor aprende aspectos da linguagem escrita que não é possível com a simples cópia. O professor, por sua vez, pode fazer perguntas sobre o conteúdo da mensagem, sobre a estrutura do texto e também chamar a atenção para aspectos gráficos, tais como: as letras, as palavras e a organização básica do texto (TEBEROSKY; RIBERA, 2004).

1.2.3. O professor como leitor e a importância da literatura infantil

O ato de ler para uma criança é um hábito importante no início da escolarização e mesmo antes dela, pois a criança ainda não consegue fazê-lo sem o auxílio de um adulto e é nesse momento que o papel do professor como leitor se destaca, no sentido de levar a participação efetiva do aluno.

Segundo CAVALCANTE 1997, p.27:

“Ler antes de saber ler é um convite à interpretação de sinais gráficos, a partir do conhecimento prévio do aluno a leitura convencional também é uma interpretação de sinais gráficos realizados a partir de nosso conhecimento anterior. Portanto, convencionalmente, está-se na verdade convidando o aluno a ocupar o lugar de um leitor potencial”.

É na infância que o gosto pela leitura se desenvolve, no momento em que a criança estabelece um vínculo afetivo com a leitura. Quando a criança está inserida nesse contexto, fica evidente que desperta a admiração, curiosidade, encantamento pelas histórias contadas pelo professor. Para isso, deixar que a criança manuseie livros folheando suas páginas, observando imagens, expondo outros diversos gêneros textuais, faz com que ela se interesse cada vez mais pelo mundo das palavras.

Na roda de leitura ou no momento da cotação de história, o professor quando lê, não deve fazê-lo sem um objetivo. É preciso planejar esse momento, a escolha do livro a ser lido, as atividades que serão desenvolvidas

por meio da leitura e também o envolvimento da criança e a sua interação. O ambiente acolhedor e a forma adequada de apresentar o texto, feita pelo professor, a entonação da voz, a postura corporal e o uso das ilustrações são estratégias para chamar a atenção da criança, despertando assim o prazer pela leitura, o prazer de ouvir histórias.

Após as leituras, é importante verificar as impressões das crianças dando oportunidade de expressar oralmente suas opiniões acerca do texto lido. Fazer perguntas, permitir que o aluno faça o reconto da história, a seu modo, permitindo a autoconstrução do conhecimento. O ato da leitura traz vários benefícios para a criança, pois ela organiza seu pensamento, constrói sentidos e significados acerca da língua e amplia sua visão de mundo.

1.2.4. O Lúdico

O lúdico, a brincadeira não deve ser vista como algo sem propósito e improdutivo onde não é possível aprender, ao contrário disso tem grande importância no processo de aprendizagem como afirma KISHIMOTO (1994):

Por meio de uma aula lúdica, o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade, sendo sujeito do processo pedagógico. Por meio da brincadeira o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista. Quando a criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira passa a ser interessante e a concentração do aluno fica maior, assimilando os conteúdos com mais facilidades e naturalidade.

A brincadeira é um grande aliado do professor no processo de alfabetização, pois dá condições ao professor de sondar, introduzir e reforçar os conteúdos, e apesar da descontração proporcionada nesse momento, os alunos estão em constante aprendizagem, sendo desafiados, vivenciando experiências, ensinando, aprendendo, e buscando resolver conflitos. As atividades desenvolvidas por do lúdico é a forma facilitadora da alfabetização, pois torna esse processo prazeroso, e não enfadonho.

Segundo Vigotski (1989), são as regras da brincadeira que fazem com que as crianças se comportem de forma mais avançada do que aquela, habitual para sua idade. A brincadeira dá condições as crianças de se desenvolverem de forma integral, de forma que aprimore a coordenação motora, as habilidades auditivas e visuais, possuam mais autonomia em suas escolhas e interajam com os outros.

Antunes (1998, p.37) destaca que:

Jamais pense em usar jogos sem um rigoroso e cuidadoso planejamento, marcado por etapas muito nítidas e que efetivamente acompanhem o processo dos alunos, e jamais avalie qualidade do professor pela quantidade de jogos que emprega, e sim pela qualidade de jogos que se procurou em pesquisar e selecionar.

Vale ressaltar que o planejamento é o eixo norteador desse momento, porque é onde o professor consegue traçar os objetivos pedagógicos que deseja alcançar com os conteúdos que pretende apresentar aos alunos utilizando-se do recurso de atividades lúdicas. Ao pensar o planejamento, o professor passou por um longo processo de pesquisa para conseguir jogos que torne o ensino atrativo onde a aprendizagem ocorre de maneira criativa e espontânea.

Para Macedo, Petty e Passos (2005, p. 14) “brincar é sem dúvida uma forma de aprender. Mas é muito mais do que isto, é experimentar, relacionar-se, transformar-se, negociar”. Assim, o professor pode oportunizar ao seu aluno momentos onde a aprendizagem se torna lúdica, prazerosa, enriquecedora e que amplie seu conhecimento.

1.2.5. A Música

A música é outra forma lúdica de trabalhar o processo de alfabetização por que permite à criança interação com o meio social e cultural e contribui para o desenvolvimento de habilidades motoras, visuais, auditivas, linguísticas, o raciocínio, a concentração e a sensibilidade. Para a criança que

é tímida, a música é o seu momento de liberdade pois, ela se sente a vontade para se expressar.

A música exerce na criança um grande encantamento com sua diversidade de sons, ritmos e melodias. Ao ouvirem, tentam de imediato cantarolar e memorizar a letra e vão se apropriando com espontaneidade e simplicidade de todos os sentidos que a música oferece.

Na escola, faz-se presente na rotina diária, desde a entrada dos alunos em sala com músicas de boas vindas, no momento do lanche, em momentos de normalização e/ou relaxamento e na despedida, porém a música na escola não deve ser vista apenas como passatempo por que a música favorece e influencia na aprendizagem tornando-a alegre e atraente e deve ser trabalhada de forma contextualizada.

As cantigas de roda e as parlendas assim como as músicas em geral, contribuem no aumento do conhecimento musical do aluno e no vocabulário mais variado, e como bem cultural deve estar acessível a todos.

Avellar (1995) afirma que:

a música através de ritmos e melodias atua no sujeito, favorecendo os aspectos cognitivos e criativos do indivíduo, possibilitando a aprendizagem na leitura e na produção de textos, ou seja, a música constitui um excelente recurso estimulador para o desenvolvimento da leitura e das hipóteses da escrita. Acredita-se que a música poderá influenciar positivamente no desenvolvimento da escrita, aproximando o sujeito de seu objeto de conhecimento, de maneira diferente da situação formal de alfabetização escolar. (p.35)

A música estimula criatividade e o desenvolvimento cognitivo da criança levando-a a uma compreensão mais madura da leitura e da produção escrita, pois a música em si, através da sua representação gráfica, pode ser considerada uma ferramenta muito importante para se trabalhar em sala da aula na alfabetização das crianças (PRADO, 2005) e contribui para a

alfabetização a medida que a criança tem familiaridade com as letras, com textos variados. Vale ressaltar a música é um elemento que potencializa o processo significativo da aprendizagem.

1.3. Alfabetizar na educação infantil: uma ação possível

Até a década de 1960 acreditava-se na maturidade para a alfabetização, onde a criança deveria se apropriar de um conjunto de habilidades para que pudesse ser alfabetizada, o que ocorreria por volta dos seis anos de idade, e que antes desse período, não haveria interesse por parte da criança em ler e escrever. Com isso, crianças menores de seis anos não tinham contato com a linguagem escrita. Contudo, essa concepção foi sendo questionada, como aponta Vigotsky (1984) a criança, antes de completar os seis anos seria capaz de descobrir a função simbólica da escrita.

Ainda segundo Vigotsky (1984), o problema não era a idade em que a criança seria alfabetizada, mas o fato de a escrita ser ensinada como habilidade motora, e não como atividade cultural complexa. Para Vigotsky.

[...] a escrita precisa ser ensinada como algo relevante para a vida, pois somente dessa forma ela se desenvolveria não como habito de mão e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem (p. 133).

É possível pensar que se a alfabetização for entendida como um simples ato de decifrar o código gráfico, a tentativa de alfabetizar crianças menores de seis anos será mero treino motor, algo mecânico sem sentido para a criança.

Porém é sabido que as crianças já nascem numa cultura letrada, onde ao seu redor há inúmeras formas de escrita e, nesse contexto, a alfabetização não deve ser pensada como o ato de decifrar o código gráfico, mas sim como a aquisição da língua escrita, partindo das indagações, para que serve a escrita, o que a escrita representa e como podemos utilizá-la.

A alfabetização é um processo longo que pode ser iniciado o mais cedo possível, em casa com o estímulo dos pais e nas salas de educação

infantil, pois a aprendizagem se antecede ao desenvolvimento, ou seja, para se desenvolver, é preciso aprender. Não há necessidade de esperar a criança chegar ao ensino fundamental para que esse processo se inicie.

Nas palavras de Ferreiro (1993, p. 39)

[...] não é obrigatório dar aulas de alfabetização na pré-escola, porém é possível dar múltiplas oportunidades para ver a professora ler e escrever, para explorar semelhanças e diferenças entre textos escritos; para explorar o espaço gráfico; e distinguir entre desenho e escrita; para perguntar e ser respondido; para tentar copiar ou construir uma escrita; para manifestar sua curiosidade em compreender essas marcas estranhas que os adultos põem nos mais diversos objetos.

Cada criança ao chegar à escola possui estágios diferentes sobre a concepção da escrita e isso está relacionado as possibilidades prévias que ela possui com o mundo da escrita. Ainda segundo Ferreiro (1993):

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de ser alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar-se muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. (p. 23)

Formar o comportamento leitor/escritor é possível com ações simples, como ler histórias, trabalhar com as letras, permitir que façam suas escritas de maneira espontânea. São formas de estimular a linguagem oral e escrita na educação infantil.

Trabalhar com leitura e escrita na educação infantil como afirma Solé (2003).

Não se trata de acelerar nada, nem de substituir a tarefa de outras etapas com relação a esse conteúdo (a leitura); trata-se simplesmente de tornar natural o ensino e aprendizagem de algo que coexiste com as crianças, que

interessa a elas, que está presente em sua vida e na nossa e que não tem sentido algum ignorar. (p. 75)

2. CAPÍTULO 2

2.1. Relato de experiência – teoria e prática

Esse capítulo trata de registrar a experiência que obtive como professora auxiliar numa turma de jardim II durante o ano 2015 no qual tive interesse e motivação para refletir sobre esse tema.

Meu relato de experiência caracteriza-se pela observação participante que se justifica com base nas definições de Gil (1995, p. 107):

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do observador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Nesse caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do seu interior.

A observação participante possui aspetos importantes, pois o pesquisador ao estar inserido no grupo ou comunidade estudada conhece a sua realidade, tem acesso a informações sem grandes dificuldades, os membros do grupo agem com naturalidade, pois a presença do pesquisador é algo natural.

Para esse estudo fez-se também o uso de diário de bordo pois esse instrumento “permite ao pesquisador fazer os registros de suas observações com riqueza de detalhes sobre a comunidade que investiga” (BORTONI-RICARDO, 2008, p:58).

O diário de bordo permite que o professor seja pesquisador onde ele pode fazer a releitura de momentos vividos, proporciona a inclusão de mais informações, as falas podem ser reproduzidas fielmente.

Situada na Octogonal, a escola onde a pesquisa foi realizada possui 44 anos desde a sua fundação e atende a todos os níveis da Educação Básica assim sendo, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, porém para essa pesquisa considerou-se apenas a educação infantil.

A escola atende alunos de classe média alta, que residem principalmente nas proximidades da escola como no Octogonal, Cruzeiro e Sudoeste.

A proposta pedagógica que norteia o trabalho da escola é feita através da perspectiva Construtivista Sociointeracionista onde o professor deixa de ser um repetidor de informações e passa a atuar como provocador, estimulador e facilitador de um processo que ocorre no interior do aluno: a elaboração e a reelaboração dos saberes constituídos pelo universo social.

A turma observada foi uma turma de Jardim II do segmento da Educação Infantil. Composta por 19 crianças sendo 11 meninas e 8 meninos que possuem entre 5 e 6 anos e estão iniciando o processo de alfabetização. A turma de modo geral é muito comunicativa e participativa nas atividades propostas pela professora. A grande maioria estuda na escola desde o maternal por isso estão familiarizadas com a escola e com a rotina da escola.

A professora regente trabalha na escola a seis anos possuindo três anos de experiência na turma de Jardim II. Formada pela Universidade Católica de Brasília em Pedagogia e pós-graduada pela Faculdade Michelangelo em Gestão Educacional, possui conhecimento sobre a perspectiva da psicogênese da escrita. Seu planejamento é elaborado semanalmente juntamente com a coordenadora da educação infantil.

As observações foram realizadas no mês de Abril de 2015. Para esse estudo foram observadas 5 aulas de uma turma de Jardim II do segmento da Educação Infantil.

O registro das observações foi feito diariamente afim de não se perder ações importantes da relação de interação professor aluno no processo de alfabetização, a rotina diária da turma, a prática pedagógica e como ela acontece. Para Tardif (2002) a ação docente é desenvolvida pelo professor a partir de um conjunto de saberes que orientam a prática pedagógica que vem da formação profissional e dos conhecimentos que emergem da sociedade.

É o papel do professor levar os alunos ao conhecimento acumulado ao longo da historia, respeitando os saberes dos educandos, considerando os saberes que trazem consigo.

Foi utilizado também como registro das observações, fotografias de momentos de interação e das escritas das crianças.

Observou-se também o projeto Cantigas de Roda o qual norteia todo o processo de alfabetização. A pesquisadora se encontra inserida no contexto da pesquisa, pois trabalha na escola, o que proporcionou às observações uma ação natural dos sujeitos observados.

Nos diálogos entre professora e seus alunos, a professora será identificada como “P” e “A” para os alunos e um número para cada um dos alunos que fala. As observações serão apresentadas a seguir, fazendo uma reflexão da experiência vivida na prática no contexto da alfabetização.

2.1.1. Observação 01

Data: 13/04/15 - segunda-feira.

A professora ao chegar à escola busca os alunos na sala do plantão (é uma sala onde ficam as crianças que chegam antes de 13h45 – início da aula) sempre cumprimenta as crianças com um “boa tarde” de uma forma animada, dá algumas orientações, pedindo que as crianças tirem das mochilas as agendas e coloquem sobre as carteiras onde irão se assentar, as garrafas de água e a pasta com o dever de casa (pode ser no livro pessoal ou em uma folha de atividades) que deverão deixar sobre a mesa da professora.

Enquanto as crianças fazem o que foi orientado, a professora fica próxima a porta recebendo os alunos que vão chegando e cumprimentando os pais. Após esse período de acolhida, todos se assentam no chão formando uma rodinha. A professora, novamente cumprimenta as crianças, já que a maioria está presente e pergunta a cada criança como foi o final de semana, o que fizeram, onde foram e com quem foram. Todas têm a oportunidade de falar.

Em determinados momentos, algumas crianças “fogem” do assunto, falando sobre personagens de vídeo game e etc., então a professora chama a atenção das crianças para que elas falem apenas do final de semana. Quando todos terminam de falar, cantam uma música de “boa tarde” e após esse momento a professora pergunta às crianças se sabem que dia é e pede que

olhem para o calendário (que está fixado na porta do armário) e escolhe duas crianças para ser ajudantes do dia. Os ajudantes do dia pintam com giz de cera o dia da semana.

Então a professora pede que cada um sente em seu lugar, pois irão anotar na agenda o dever de casa que deverão fazer. Os ajudantes do dia são responsáveis por distribuir os estojos de lápis a cada colega. Cada criança abre sua própria agenda e tentam procurar pelo dia certo, há um marcador para ajudar. As crianças que não conseguem, recebem a ajuda da professora.

Quando todas as crianças terminam a agenda, novamente fazem uma rodinha.

A professora pega duas caixas pequenas, uma contém letrinhas de plástico e na outra, números de plástico, e fala:

P: Porque os números são importantes? Onde a gente pode ver os números na nossa sala?

A1: No relógio!

A2: No calendário, tia!

A3: Ali na parede (o aluno aponta para um quadro numérico de 1 a 100 que está fixada na parede).

P: E no sapato? Tem números? Olhem ai...

A4: Tem!

P: A 10 pega na sua mochila a sua blusa de frio. Olha só aqui na etiqueta... o que tem aqui?

Turma: Números!

P: Os números são muito importantes na nossa vida turminha, lá no relógio eles servem para marcar as horas, no calendário mostra os dias da semana, mas e no sapato? E na roupa? No sapato serve para mostrar quanto a gente calça e na roupa serve para mostrar quanto a gente veste, e sabe o que isso significa? Que estamos crescendo! Na casa de vocês, quando a mamãe faz um bolo ela usa uma coisa chamada receita. Na receita tem as quantidades de ingredientes que devem ser usados pra fazer o bolo.

Depois dessa conversa a professora pega as caixas e mistura as letras e números e pede a cada criança, um por vez, que pegue duas letras e dois números. Depois pede que as crianças digam quais números e quais

letras pegaram. Há crianças que pegam três letras e vice-versa, então a professora pergunta se a criança tem certeza se o que ela pegou está certo. Ela mostra as letras e os números e pede que a criança pegue novamente. E assim ela faz com todas as crianças. Após, pediu que todos fossem se sentar pois iriam fazer uma atividade. A atividade consistia em pintar letras de uma cor e números de outra.

Depois da atividade, as crianças se preparam para lanche. A professora pergunta às crianças quem trouxe frutas. Então ela anota no quadro os nomes das frutas e vai perguntando como se escreve, com quais letras e as crianças vão falando. Ela escreve também rotina, pergunta o que fizeram primeiro e as crianças falam que a rodinha a primeira atividade, depois a agenda em seguida atividade em folha e o lanche. A professora vai acrescentando o que ainda resta fazer, que é a ida ao parque, uma história que ela própria ia contar e uma atividade no caderno de desenho. A professora não escreve no quadro sem a participação das crianças e sempre mostrando que uma letra pode estar presente em varias palavras. Ela chama a atenção para as letras que iniciam os nomes das crianças.

Depois do lanche as crianças vão ao parque. Não há nenhuma brincadeira direcionada. No retorno a sala, a professora pede às crianças que sentem em forma de meia lua, que é diferente da rodinha, então ela pega um livro do seu acervo, fala o nome do autor do livro e o ilustrador e começa a historia. Ela vai mudando de voz de acordo com a mudança de personagens, as crianças ficam rindo das vozes e pedem que ela mostre os desenhos, ao termino da historia ela pede que as crianças façam um desenho sobre a parte que mais gostaram. Os desenhos vão para o mural.

Após esse momento, as crianças se preparam para ir embora.

Reflexão sobre a primeira aula

Pude perceber que a rotina dessa turma é bem definida. O tempo que as crianças permanecem na escola é norteado pela sequência estabelecida na rotina. Através da rotina as crianças, percebem o tempo e o espaço em momentos. Momento da rodinha, da atividade, da história, do

lanche, do parque e de ir para casa. Quando a rotina é bem organizada e planejada contribui para a autonomia da criança.

A ideia central é que as atividades planejadas devem contar com a participação ativa das crianças garantindo às mesmas a construção das noções de tempo e de espaço, possibilitando-lhes a compreensão do modo como as situações são organizadas e, sobretudo, permitindo ricas e variadas interações sociais. (DIAS, 2010, p. 13).

A Rotina organiza o dia-a-dia em sala de aula, contudo não precisa ser algo engessando, inflexível, repetitivo e monótono pois o dinamismo das crianças que a todo momento trazem informações novas para a sala de aula e expressa os seus interesses e sua vivência, a sensibilidade do professor para adequar seu planejamento às necessidades das crianças se torna um diferencial na ação pedagógica e na participação das crianças.

A rodinha é um momento de interação riquíssimo pois é nesse momento que acontece a troca de experiência do professor com seu aluno e ali propõem atividades, problematiza, incentiva respostas, faz combinados. A atenção das crianças está voltada para o professor e para o que ele apresenta. Para as crianças é um momento de interação com os colegas, com o professor e com o conhecimento. Para o professor é um momento de observar seus alunos quanto a participação e deixar que a criança expresse seu pensamento com liberdade. A hora da roda pode ser compreendida como:

[...] momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. A participação na

roda permite que as crianças aprendam a olhar e a ouvir os amigos, trocando experiências. Pode-se, na roda, contar fatos às crianças, descrever ações [...] ler e contar histórias, cantar, declamar poesias, dizer parlendas, etc. (BRASIL, 1998, p. 138).

Outro momento que chamou atenção foi o fato de os alunos copiarem em suas agendas o que a professora escrevia no quadro foi entendida aqui como uma forma de ensinar algumas convenções da escrita, como escrever da esquerda para a direita, de cima para baixo, a noção espacial da escrita nas linhas, visto que a professora não exigia que as crianças soubessem grafar e nem pontuar corretamente. Ao revisar as agendas a professora apenas acrescentava o que estivesse faltando nas palavras. A cópia não leva a criança a refletir sobre a língua e sobre o seu uso no cotidiano.

No segundo momento da aula fica evidente que o objetivo da atividade proposta pela professora é que a criança saiba diferenciar entre letras e números pois “[...] letras servem para ler, e os números servem para contar. Números e letras já não podem misturar-se, porque servem a funções distintas” (FEREEIRO, 1984 p.51).

A professora destaca que os números estão presentes no cotidiano, assim como as letras e as palavras, e são igualmente importantes, porém a relevância do seu uso nos diversos portadores do texto. Além de ler as palavras, as crianças precisam saber ler os números sendo associadas as suas quantidades.

2.1.2. Observação 02

Data: 14/04/15 – terça-feira

A acolhida das crianças é muito parecida com a do dia anterior.

No momento da rodinha a professora escolhe novos ajudantes e pede a eles que pintem o dia correspondente no calendário. Após, a professora

apresenta às crianças a música do compositor Toquinho, chamada “Nome e sobrenome”.

P: O que vocês entenderam da música que a tia passou?

A1: Tia Todas as coisas tem nome!

A2: Todas têm nome, mas só a gente tem sobrenome.

P: mas o que sobrenome?

A2: e um nome que vem depois do nome.

P: Isso mesmo! Sobrenome é um nome que a gente recebe do papai e da mamãe (a professora tem a chamada em mão e lê os nomes das crianças).

P: Olha só! O A1 e o A7 têm nomes iguais por quê?

A1: Porque a gente é irmão tia.

P: Isso, vocês tem o mesmo sobrenome porque são irmãos, tem o nome do papai e da mamãe de vocês. Sabe a A8, costumam chamá-la pelo sobre nome não é? Por quê?

A10: Tia no ano passado tinha uma outra colega que tinha o nome igual o nome da A8, ai a gente chamava Melo e a outra de Cabral.

P: Então, as meninas têm os nomes iguais, mas o sobrenome dela é diferente e nós usamos quando queremos falar com uma ou com outra. Ah! Na nossa sala tem dois meninos com o mesmo nome, quem são?

A10: O E. Guedes e o E. Santos!

P: Isso mesmo! O E. Guedes e o E. Santos têm o mesmo nome, mas o sobre nome deles é diferente.

Com a ajuda das crianças, faz uma lista com os nomes delas pedindo que elas ditem as letras e chama a atenção para as letras que se repetem entre os nomes.

Em seguida a professora pega a lista de nomes e lê o nome e sobrenome de cada aluno, corta de forma que nome e sobrenome fiquem separados, mistura todos na rodinha chama uma criança por vez para que possa procurar seu nome e sobrenome. Algumas acham com facilidade outras sentem dificuldade e são ajudados pela professora. A orientação é que cada criança segure seu nome para que possam fazer uma atividade. Quando todos acham seus nomes, a professora pede que as crianças assentem-se em seus

lugares para que possam fazer a atividade onde eles deveriam organizar os nomes e colar na folha com o auxílio e após a colagem copiar os nomes.

Em seguida escrever na agenda a atividade de casa. Na atividade de casa, com o auxílio dos pais, as crianças deveriam fazer uma pesquisa sobre “a história do seu nome”. A professora leva as crianças ao banheiro e depois é a hora do lanche. A professora vai anotando no quadro o nome das frutas que as crianças trouxeram e também a rotina do dia. Após o lanche vão para um campinho onde as crianças chamam de graminha, a professora brinca de corre cutia.

No retorno à sala, a professora entrega gibis para que as crianças possam ler/tentar ler. As crianças sentam no chão, alguns vão para as carteiras, uns ficam sozinhos e outros em dupla ou trio. Ficam com os gibis até a chegada dos pais. A professora orienta que quando o pai ou a mãe chegar, guardar os gibis na caixa dentro do armário pegar o material e sair. A professora vai se despedindo das crianças e cumprimentando os pais.

Reflexão da segunda aula

Trabalhar o nome próprio é uma forma do processo de alfabetização ganhar significado para a criança, pois ela começa ter percepção do seu nome e o reconhece em seus pertences. Conhecer as pequenas partes que compõem o seu próprio nome, ou seja as letras e como elas se organizam, amplia o conhecimento da criança de modo que ela começa a reconhecer o nome de seus colegas, outras palavras fazendo tentativas de leitura e escrita mesmo que ainda não saiba fazê-lo.

Ao propor a produção da lista de nomes com a ajuda das crianças, a professora tem a intenção de levar as crianças a pensar sobre a escrita e para que ela serve. Desta forma é importante que as crianças se envolvam em situações onde o uso da língua seja vivenciando em seu dia a dia, como por exemplo, para informar, como forma de lembrar-se de algumas informações, para divertir e também pelo prazer de ler histórias, poesias e contos.

A música foi contextualizada com tema da aula, sendo explorado o canto a sua letra e melodia. Ficou claro que o uso da música

Percebi que os gibis e livros são acessíveis às crianças. Todos podem “ler” enquanto aguardam a próxima atividade, o que quiserem e onde quiserem sozinhos ou acompanhados dos colegas. Quando acompanhados, tentam ler para o colega, e essa ação proporciona a essas crianças interação com a leitura e também com a escrita pois elas podem ler as imagens dos livros e gibis e recriar a história a seu modo.

As crianças têm autonomia para fazer suas escolhas de leitura diante da diversidade de textos, a professora estimula essa autonomia pelo fato de não direcionar e especificar o que cada uma irá ler.

2.1.3. Observação 03

Data: 15/04/15 – quarta-feira

As quartas-feiras são dia de aulas especializadas de informática, literatura, música e inglês. Para esse estudo foi considerada apenas a aula de literatura.

A professora de literatura chega a sala muito animada e pergunta se estão todos bem. Ao chegarem na sala as crianças se deparam com um cenário. É visível o quanto as crianças ficam surpresas. Pede que todos se acomodem no tapete pois a história que será contada é muito divertida e é sobre “O sítio do pica pau amarelo”. Ela pega o livro e fala que quem escreveu o livro foi Monteiro Lobato e explica que ele é muito importante para a literatura infantil, pois foi o primeiro escritor brasileiro que fez livros com histórias para crianças e começa a contar a história. Muito entusiasmada ela vai contando e mudando a voz de acordo com os personagens característicos do sítio. Ela fecha o livro e diz às crianças que irão encenar aquela história e vai sortear os personagens entre as crianças. Cada personagem fica com duas crianças. Ela chama algumas crianças de acordo com a ordem de sorteio para que pudessem se vestir conforme o personagem sorteado. Os outros sentam num tapete e aguardam o teatro começar. A professora narra a história e ajuda as crianças com as falas. Depois ela faz o mesmo com as crianças que ficaram no tapete assistindo. É visível a empolgação das crianças com essa atividade.

Faltando poucos minutos para o fim da aula, a professora fala para as crianças que elas podem escolher qualquer livro que está na nas prateleiras e sentar-se no chão para ler. Algumas crianças tentam ler de fato outras apenas folhem as paginas dos livros, outros brincam com os livros.

Reflexão da terceira aula.

Acredito que ouvindo historias as crianças aprendem a serem bons leitores e a gostarem de ler. A leitura desperta o imaginário e a criatividade da criança e faz descobertas sobre o mundo. Para VILLARD 1999, “Há que se desenvolver o gosto pela leitura, afim de que possamos formar leitores para toda vida”.

Apresentar a leitura como algo mágico e prazeroso é apresentar um mundo de possibilidade onde é possível criar, pensar e repensar, perceber os conflitos e resolve-los e também proporcionar o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo do sujeito, ou seja, de forma integral.

Nessa aula em especial, a professora faz um convite às crianças, onde além de ouvir a historia fariam parte dela, fazendo uma representação. O entusiasmo foi visível.

O que me chamou a atenção foi a representação, ou seja, o teatro. A representação é algo que pertence às crianças. Quando são pequenas elas representam muitas vezes a sua vivencia e ações dos pais no cotidiano, e também do professor na sua ação de ensinar e isso acontece livremente. REVERBEL (1997) atenta para o uso do teatro na prática pedagógica:

O ensino do teatro é fundamental, pois, através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia. É ao longo do caminho das descobertas, vai se desenvolvendo concomitantemente a aprendizagem da arte e demais disciplinas (p. 25)

A prática pedagógica deve ser pensada utilizando-se de vários recursos didáticos para que a aprendizagem seja participativa e significativa para a criança.

2.1.4. Observação 04

Data: 16/04/15 - quinta-feira.

A professora recebe os alunos e os pais na porta da sala dando-lhes boa tarde. Pede que as crianças retirem da mochila a pasta que deverá ficar debaixo da mesa e a agenda que deverá ficar sobre a mesa, pede que retirem também as garrafas de água e colocá-las nas cestas para que possam ser cheias, orienta as crianças que vista o macacão que está dentro de um dos armários da sala e lembra que será um dia muito legal por que vão brincar na areia, as crianças comemoram.

Todos vestem o macacão e sentam-se na rodinha, a professora pergunta se estão todos bem e todos respondem que sim então começam a cantar a música “ Boa tarde”, após a música a professora mostra no calendário o dia e o mês e o ano e pede que os ajudantes do dia pintem o dia correspondente no calendário. Então a professora pega as letras V e W do alfabeto. (Todo o alfabeto é em forma de cartão, a letra trabalhada é grande e há um espaço para que seja colado uma figura e escrever o nome da figura).

P: Que letra é essa?

A4: É a letra V tia!

P: Isso mesmo! Alguém sabe me dizer uma palavrinha que comece com a letra V?

A18: Vaca!

A15: Vestido!

P: Muito bem! Vocês são muito espertos! Eu tenho aqui a figura de uma Vassou-ra (a professora fala pausadamente para que as crianças possam perceber o som das letras que compõem a palavra) vocês podem me ajudar a escrever a palavra vassoura no nosso alfabeto?

Todos: SIM!

P: Vassoura começa com V mas para formar VA qual é a letrinha que fica junto do V?

A18: A!

P: VACA! E depois do VA que letrinha vem?

A 14: K!

A 15: C!

P: Isso mesmo A15! Olha só, a letra C e a letra K se parecem mas nessa palavrinha nós usamos a letrinha C junto com a letra A para formar o CA de VACA.

Assim terminam a palavra vassoura e partem para a palavra Wendel. A professora explica para as crianças que o W assim como a letra K e Y, é uma letra que escreve nomes de algumas pessoas na língua portuguesa e escreve muitas palavras em inglês. A professora mostra a figura de um menino e diz que o nome dele é Wendel. Explica também que a letra W na nossa língua, a Língua Portuguesa, o Som do W pode mudar, uma hora parece com o som do V e outra com o som do U. Ela procede da mesma maneira da palavra anterior, falando a palavra pausadamente. Após esse momento a professora pede que as crianças sentem em seus lugares para fazer a agenda. Ela escreve na no quadro a pagina do livro que ira pra casa como dever de casa, explica o dever para os alunos e diz que é muito fácil que não vão nem precisar da ajudinha da mãe e alguém no fundo da sala concorda com a professora.

Após todos terminarem vão ao banheiro e lavam as mãos para lanchar. Ao retornarem a sala cada um pega sua lancheira que se encontra em cima do armário e novamente sentam-se em seus lugares e aguardam a professora para escolher o colega que irá cantar a música do lanche “hora de lanchar” todos acompanham.

A professora disponibiliza uma caixa cheia de gibis para os alunos que vão terminando de lanchar. Quando todos terminam de lanchar a professora senta junto as crianças e pede que guardem os gibis organizadamente na caixa e façam novamente uma rodinha. Nesse momento a professora começa dizendo que o Projeto Cantigas de Roda começaria e pergunta se as crianças sabiam o que era, então as crianças disseram que aprenderam varias cantigas com a tia do ano passado. A professora coloca um

CD e as crianças escutam a música “A canoa virou” inicialmente sentadas na rodinha, depois a professora pede que levantem e todos escutam novamente a cantiga só que dessa vez rodando e mudando a rotação de acordo com a música. As crianças se divertem, riem e ao termino da música pedem que a professora repita a música, e assim ela faz e todos cantam e rodam novamente. Ela mostra o livro produzido pelo Jardim II do ano anterior, e pergunta as crianças se elas gostariam de fazer um livro como aquele que os colegas fizeram e todos respondem que gostariam de fazer também, então a professora pergunta para a turma quem poderia ser os leitores dos livros feitos por eles. Um aluno arrisca que podem ser eles mesmos e a professora responde que eles vão construir o livro e no final irão ler mas pergunta para quem eles irão entregar o livro pronto, outra criança responde que será entregue para a família de cada um e a professora responde que será isso mesmo que vai acontecer. Nesse momento a professora entrega dois livros, um para o aluno à sua esquerda e outro aluno que está à direita e pede que eles olhem os livros e passem para os colegas para que todos possam ver também. Cada criança recebe um livro de atividade sobre as músicas.

Depois todos vão para o tanque de areia, e a professora canta mais uma vez a cantiga com as crianças, e após todos podem brincar no tanque de areia.

Ao retornarem para a sala todos vão retirando o macacão dobrando-os e colocando na mochila, a professora lembra-se da pasta com o livro e a agenda e pede para as crianças guardarem também.

Todos vão ao banheiro lavam as mãos e o rosto e bebem água. Faltando poucos minutos para irem embora a professora distribui massinhas para as crianças e elas comemoram. Enquanto as crianças brincam de massinha a professora pergunta se gostaram do dia e todos respondem com um SIM bem alto. Uma criança fala que gostou por causa da cantiga que aprenderam outra fala que gostou por que foram brincar na areia. Nesse momento os pais começam a chegar e então a professora vai chamando as crianças à medida que seus pais chegam.

Reflexão da quarta aula

Na quarta aula observada, pude perceber que a professora já havia apresentado as demais letras do alfabeto, percebi que as crianças conheciam várias letras e assim ajudavam a grafar a palavra enquanto a professora fazia o papel de escriba.

O processo de apropriação da escrita alfabética envolve vários conhecimentos. Conhecer o nome das letras e saber como agrupá-las em unidades maiores que simbolizam as sílabas é muito importante. (EHRI, 1997 apud BRANDAO, ROSA, 2011).

Quando a criança conhece as letras e os sons que produz ela amplia o seu conhecimento sobre o alfabeto tendo a possibilidade de evoluir em suas hipóteses de escrita. Quando há a troca do C pelo K a criança compreendeu o valor sonoro da letra K, onde na hipótese dessa criança é perfeitamente possível grafar a palavra VAK dessa forma, pois o nome da letra, para essa criança corresponde a sílaba CA.

FERREIRO destaca que “o conhecimento do nome das letras precede regularmente o do seu equivalente sonoro enquanto valor fonético (como diferenciado do valor silábico atribuído em função do nome que apresenta)” (1985,p. 56).

Para que a criança avance na sua hipótese de escrita é imprescindível que a professora reconheça sua hipótese e com isso levar a criança a compreender como as letras são agrupadas para se formarem as palavras.

2.1.5. Observação 05

Data: 17/04/15 - sexta-feira.

A acolhida é muito parecida com as dos dias anteriores.

Na rodinha a professora dá continuidade ao Projeto Cantigas de Roda, ela canta novamente a música “A Canoa Virou” junto com as crianças, depois a professora pega uma folha de tamanho A3 e escreve a letra da música.

P: Vamos escrever o título da nossa música! E qual é o título?

A11: A Canoa Virou.

P: Isso, mas com qual letra começa?

A13: Letra A tia e depois o C.

P: Mas é junto ou separado?

A13: Acho que é separado.

P: Isso, e a próxima letra?

A16: Letra A.

A professora foi escrevendo no papel a medida que as crianças vão falando. Quando surge uma letra que coincide com a primeira letra do nome algum aluno ela sempre pergunta de quem é a letra. (Exemplo: Letra E é a letra de quem? E as crianças respondem. Em alguns momentos acontece com sílabas e a professora procede da mesma forma)

Quando a professora termina de escrever, cola a música em uma das paredes da sala e lê novamente a cantiga para as crianças, passando o dedo abaixo de cada palavra e propõem cada criança faça o mesmo, um por vez. Essa atividade é chamada de leitura incidental.

Após esse momento professora pede que as crianças sentem-se nos lugares para anotar na agenda o dever de casa. Os ajudantes do dia prontamente vão entregando os estojos para os colegas. Quando todos acabam as anotações, vão ao banheiro e no retorno a sala a professora pede que as crianças peguem as lancheiras os ajudantes do dia vão à frente para cantar a música do lanche, então a professora escreve no quadro a rotina e as frutas que os alunos trouxeram para o lanche. Quando todos terminam de lanchar, vão ao parque. No parque não há nenhuma brincadeira direcionada, a professora apenas observa as crianças e soluciona alguns pequenos conflitos que vão surgindo.

No retorno à sala a professora senta na rodinha com as crianças e pega uma caixa de livros para que as crianças escolham os livros que vão levar para ler com a família em casa. Esse é o "Projeto Leitores para Sempre" é um rodízio de livros que é feito com as crianças. Toda sexta-feira cada criança leva um livro diferente, retornando na segunda-feira da semana seguinte.

No retorno à sala, a professora vai separando as mesas de forma que cada criança sente individualmente (geralmente a disposição das mesas

se dá em grupos, dupla ou trio). Então ela entrega uma folha para cada criança e reforça a importância de não olhar a escrita do colega ao lado. Ela vai em cada mesa e retira do bolso do jaleco um animal de pelúcia e mostra para cada criança (ela esconde os bichinhos para que os demais não vejam, e não se adiantarem na escrita) os bichinhos de pelúcia são eles: TARTARUGA, CARACOL e PAPAGAIO.

Quando todos viram seus respectivos bichinhos, ela vai auxiliando os que apresentam dificuldades e aos demais, orienta que façam o desenho do animal que acabaram de escrever.

Quando todos terminam, ela recolhe a atividade e agradece pois todos tentaram escrever de do seu jeito e dá os parabéns.

Os pais vão chegando para buscar os alunos, então a professora pede que fechem as apostilas e guardem no armário. Quem permanece na sala, vai para o plantão.

Reflexão quinta aula

A criança é espontânea por natureza, e é interessante que essa atitude esteja presente no momento em que ela escreve. Na proposta feita pela professora às crianças a intenção é que a criança escreva com liberdade e sem medo de errar, pois ela irá colocar no papel tudo o que ela construiu, considerou e reconsiderou sobre o sistema de representação da escrita e com isso avança em suas hipóteses.

Para a professora a atividade de escrita espontânea é outra forma de avaliar o aluno sem que este perceba, e acompanhar a sua aprendizagem. É nesse momento que a criança revela sobre qual hipótese está atuando e a partir as intervenções da professora alcança novas hipóteses até o momento que será capaz de produzir frases e textos.

Magda Soares traz acerca da escrita espontânea:

Naturalmente, essa ação pedagógica supõe atividades de diferentes naturezas: o aluno escreve espontaneamente, e estará assim atuando com e sobre a língua escrita, buscando compreender o sistema de escrita (ao mesmo tempo, estará utilizando esse sistema para produzir textos,

e por isso se insistiu, anteriormente, na inseparabilidade entre estas duas faces do processo de aprendizagem e de ensino da escrita na escola - a aquisição do sistema de escrita e a sua utilização para a interação social); (p. 72)

2.2. Projetos: Cantigas de roda e Leitores para sempre

Nas turmas de Jardim II são desenvolvidos dois projetos para estimular a leitura e a escrita, o projeto Cantigas de Roda e Leitores para Sempre.

O Projeto Cantigas de Roda consiste em trabalhar a escrita através da música e do lúdico. No primeiro momento a professora trabalha a letra da música com as crianças afim de que todos possam memorizar. Em seguida, todos ouvem a música para que possam aprender a melodia. Em cada música as crianças fazem gestos e brincam de acordo com a letra e melodia da música.

Em seguida é feita a escrita da música. A professora age como escriba e as crianças ditam as letras conforme a professora pergunta. Após a escrita da letra, todas as crianças são convidadas a fazer a leitura incidental, onde a criança deve acompanhar a letra da música com o dedo indicador. Conforme a criança lê, ela deve acompanhar apontando a palavra que canta. Vale ressaltar que a criança que não quiser participar não é forçada, porém é importante que todos participem.

Em outro momento marca-se as palavras estáveis da música. As palavras estáveis são palavras que servirão como apoio para a leitura. A professora canta a música novamente com as crianças circulando essas palavras e em seguida são identificadas com figuras para que as crianças saibam exatamente o que está escrito.

Cada música tem uma brincadeira. Como exemplo, a música a Canoa Virou tem a brincadeira Pescaria, onde a criança deve pescar a figura e em seguida pescar a palavra correspondente a figura.

Esse projeto conta com 10 músicas ao todo, e todas são trabalhadas da mesma forma. Cada criança recebe um livro de atividades que serão realizadas conforme a apresentação das músicas. O encerramento desse

projeto acontece com a produção de um livro coletivo, onde as crianças fazem a reescrita das músicas cada uma atuando sobre sua hipótese de escrita.

O projeto faz o resgate das cantigas de roda que muitas vezes são esquecidas ou deixadas de lado atualmente. Traz para a criança o contato com a cultura e folclore brasileiro. O objetivo desse projeto é fazer com que as crianças participem de práticas de leitura com textos que conhecem de memória, ampliar o ambiente alfabetizador da sala de aula, proporcionando um espaço onde a criança pode construir conhecimentos sobre a língua portuguesa por meio da brincadeira e da música.

No projeto Leitores para Sempre há um rodízio de livros entre todas as crianças. Cada professora recebe no início do ano uma quantidade de livros que é o dobro de alunos da turma, isso acontece para que as crianças não levem livros repetidos para casa.

A cada sexta-feira a criança escolhe o livro que quer ler em casa junto com a família. No retorno, em uma segunda-feira, na rodinha todas as crianças têm a oportunidade de mostrar o livro que levou para casa e falar da parte que mais gostou para os outros colegas. Após esse momento a professora escolhe uma criança para fazer o relato da história. Algumas atividades são elaboradas a partir dos livros lidos em casa, tais como: desenho da parte que mais gostou, escrita espontânea e um novo final para a história. O grande objetivo desse projeto é envolver os pais nesse processo de construção da escrita e da leitura.

A aprendizagem deve acontecer de forma prazerosa para a criança. Trabalhar a alfabetização utilizando a música e as brincadeiras desenvolve não apenas a linguagem, desenvolve também a motricidade, aspectos emocionais e sociais. No desenvolvimento desses projetos pude perceber o envolvimento das crianças com alegria, aprendendo de forma autônoma e segura. A alfabetização é um momento importante para a criança, pois é a base de formação dessa criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é um objetivo da educação infantil que a criança saia lendo e escrevendo, tão pouco deve ser essa a preocupação de pais e professores, entretanto é importante que ela possa ter contato com a língua escrita e pensar sobre ela.

Quando permitimos que a criança tenha interações com a leitura e a escrita, estamos dando condições de acesso a cultura letrada a qual a criança já está inserida. A prática de letramento se faz presente dentro e fora da escola e o professor pode dar condições para que esse processo seja significativo e prazeroso para a criança tornando a vivência na educação infantil um momento muito rico de aprendizagem.

Pude perceber através das minhas observações que a alfabetização com praticas de letramento já na educação infantil e antes do ensino fundamental, desperta na criança o desejo de compreender a escrita e o mundo que a cerca.

Atividades lúdicas e a música podem servir como ponto de partida para a aprendizagem da língua, pois e brincando, interagindo e descobrindo que a criança aprende.

Acredito que a educação infantil deve proporcionar um espaço onde as crianças possam aprender sobre a leitura e a escrita, refletir sobre o seu uso social, para que serve e para quem se escreve, sendo capaz de se tornarem leitores competentes.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Concluo minha graduação com a sensação de dever cumprido, um sonho realizado. Não foi algo fácil, lutei, batalhei e não desisti em meio as dificuldades e segui em frente.

A graduação em pedagogia sem duvidas me proporcionou uma formação muito diversificada o que me permitiu olhar a profissão de Pedagogo com outros olhos e acreditar no potencial dessa profissão tão linda.

O trabalho em sala de aula, sobre tudo na Educação Infantil me trouxe inúmeras vivências e experiências com as quais pude compreender a importância do papel do professor como mediador e a importância da escuta e o do olhar sensível.

Pretendo ser aprovada no concurso da Secretaria de Educação, e contribuir para a excelência na educação publica. Tenho preferência para as turmas de alfabetização, pois é a área que eu me identifico e faço com prazer, apesar de ser algo desafiador, espero estar preparada.

Pretendo me aperfeiçoar fazendo à priori, pós graduação em educação infantil, e futuramente andar por caminhos mais altos como mestrado e possivelmente doutorado.

Quero exercer com êxito a profissão que escolhi, ser pedagoga, ser educadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. Petrópolis: Vozes, 1998.

AVELLAR, Rosa Maria Gentil de. O Desafio de continuar a alfabetização. São Paulo. JM Editora: 1995.

BATISTA, Antônio A.G. Alfabetização, leitura e escrita. In: Carvalho, Maria A. F. & Mendonça, Rosa H. (org.). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006,

BECKER, Fernando. O que é o construtivismo? Ideias, n. 20. São Paulo: FDE, 1994. p. 87-93. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf. Acesso em: 27 de set. 2015.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Callad de Sousa. Ler e escrever na educação infantil: Discutindo práticas pedagógicas. São Paulo: Autêntica, 2011.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Brasília, 1998.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CAVALCANTI, Zélia. (coord.) Alfabetizando, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua escrita. Tradução de Diana M. Linchestein e outros. Porte Alegre: Artes Médicas, 1979.

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1985

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GIL, Antônio Carlos. Metodos de Tecnicas de Pesquisa Social. Sao Paulo: Ed. Atlas, 1995.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

KLEIMAN, A. B (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas :SP, Mercado de Letras, 1995.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 19, ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

REVERBEL, Olga. Um caminho do teatro na escola. São Paulo: Scipione, 1997.

SOARES, Magda Becker. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

SOARES, Magda Becker. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In:

ZACCUR, Edwiges (org.). A magia da linguagem. Rio de Janeiro, DP&A, SEPE, 2001.

SOARES, Magda Becker. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. Revista Pátio – Revista Pedagógica, São Paulo, 2004.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VIGOTSKI, Liev Semionovitch. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.

